

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

DENISE ANDREO MÜLLER DOS SANTOS

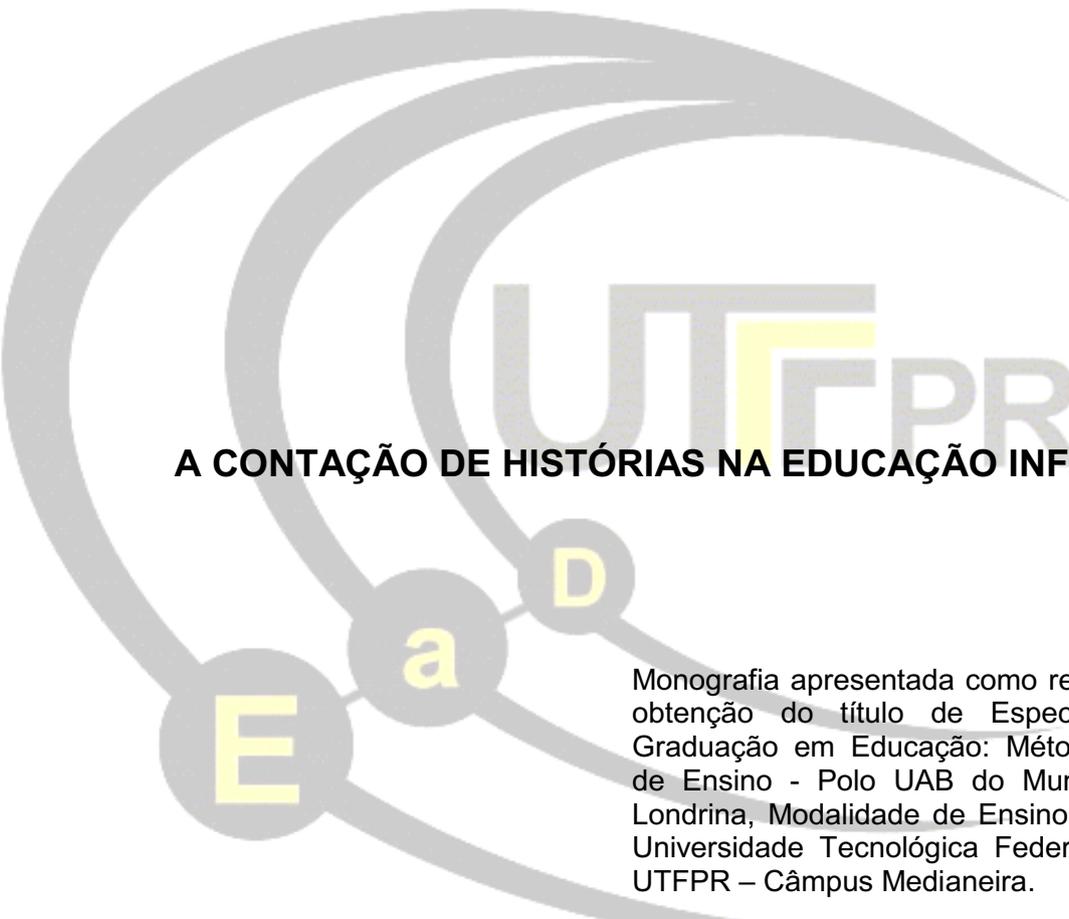
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2020

DENISE ANDREO MÜLLER DOS SANTOS



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo dos Santos

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2020



TERMO DE APROVAÇÃO

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por

DENISE ANDREO MULLER DOS SANTOS

Esta monografia foi apresentada às 10 h do dia 19 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. Ricardo dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof Dr. Henry Charles Albert D. Naidoo Terroso de Mendonça Brandão
UTFPR – Câmpus Medianeira

Profº Tutor Adriano Hidalgo Fernandes
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico esse projeto a Deus por ele Ter me dado a capacidade de poder concluir esse trabalho, e agradeço meu orientador pela paciência e comprometimento, e aos meus familiares pela motivação.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor Prof^o. Dr. Ricardo dos Santos pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” *(Paulo Freire)*

RESUMO

SANTOS, Denise Andreo Muller dos Santos. **A contação de histórias na educação infantil**. 2020. Número de folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

A presente pesquisa foi realizada por exigência da Modalidade a Distância da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), através da construção de um TCC para a conclusão da graduação em Métodos e Técnicas de Ensino, no período letivo de 2019-2020. O tema desenvolvido foi, A contação de história na educação infantil. Em primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com levantamento de autores e textos que tinham ligação com o assunto pesquisado, com base nas leituras e no interesse do tema proposto. O objetivo desse trabalho foi o de mostrar a importância e a utilidade das histórias contadas na Educação Infantil para o desenvolvimento cognitivo da criança. A problemática do trabalho está em saber se, a literatura infantil poder ser uma metodologia eficiente no processo de formação das crianças, possibilitando uma relação afetiva e lúdica que se contextualiza e amplia-se com a linguagem. O trabalho se justificou pela necessidade de compreender como se desenvolve a leitura e a questão da escrita, e pela importância de se discutir como a contação de história pode contribuir para o processo cognitivo da criança na educação infantil. O estudo teve caráter qualitativo e quantitativo, e, como resultado da pesquisa, pode-se apontar que, a literatura infantil deve ser inserida no contexto escolar de forma educativa, proporcionando as crianças momentos de reflexão, interação, e aprendizagem, e, nesse contexto, a contação de história pode contribuir para o processo cognitivo da criança desde a educação infantil, no sentido de desenvolver a criticidade, o raciocínio, a criatividade e a imaginação.

Palavras – chave: Criança. História. Leitura. Criatividade. Imaginação.

ABSTRACT

SANTOS, Denise Andreo Muller dos Santos. **Storytelling in early childhood education**. 2020. Número de folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

The present research was carried out by requirement of the Distance Modality of the Federal Technological University of Paraná (UTFPR), through the construction of a TCC for the conclusion of the graduation in Teaching Methods and Techniques, in the academic period of 2019-2020. Its theme: Storytelling in early childhood education. In the first moment, a bibliographic research was carried out, with a survey of authors and texts that were linked to the researched subject, based on the readings and the interest of the proposed theme. The objective of this work is to show the importance and usefulness of stories told in Early Childhood Education for the child's cognitive development. The problem of work is in children's literature that it can be an efficient methodology in the process of training children, enabling an affective and playful relationship that is contextualized and expanded with language. The work is justified in understanding reading and writing. The study has a qualitative and quantitative character, in which it sought to achieve all the research objectives. At the end of the research, it showed the influence that storytelling has on early childhood education.

Keywords: Child. Story. Reading. Creativity. Imagination.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	13
3 O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL.....	14
3.1 COMPETÊNCIAS DE LEITURA	18
3.2 O PAPEL DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM A LEITURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	30
3.3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA IMPORTÂNCIA	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A contação de história para crianças, desde os primeiros anos de vida e em sua gestação é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo. Na educação infantil, os professores com o seu planejamento metodológico ao contar uma história induzem o aluno ao mundo da imaginação e da fantasia.

Diante ao assunto, os professores da educação infantil devem procurar diversas maneiras de contação de histórias, e com isso utilizar diversos recursos metodológicos para despertar a aprendizagem linguística da criança, e assim, o desenvolvimento intelectual, social, afetivo, e cognitivo, mediante ao ensino de literatura nos primeiros anos da educação básica.

Essa ideia partiu de uma experiência escolar, na qual motivou a curiosidade a saber como despertar a criatividade, a imaginação, a socialização e o afeto. Também, é importante ressaltar o interesse de contar histórias além de tentar influenciar as crianças a terem esse mesmo prazer, e praticarem cada vez mais o ato de ler durante a sua vida. Visto que, atualmente em dia baixou o nível de leitura das crianças por vontade própria. Este ato é um estímulo à memória, pois resgata as experiências de cada aluno, seja por meio da bagagem cultural ou de vida, o aluno consegue relacionar as histórias infantis, com as histórias da sua família e seu cotidiano.

A problemática do trabalho está inserida na hipótese de que trabalhar com a literatura infantil pode ser uma metodologia eficiente no processo de formação das crianças, possibilitando uma relação afetiva e lúdica que se contextualiza e amplia-se com a linguagem. Assim, a pergunta é: contar história para a criança pode incentivar o desenvolvimento cognitivo da criança, ou seja, é possível que a criança que ouve histórias, seja despertada para o prazer em ler, e assim, desenvolver maior criticidade, raciocínio, criatividade e imaginação?

O objetivo geral deste trabalho foi o de mostrar a importância e a utilidade das histórias contadas na Educação Infantil para o desenvolvimento cognitivo da criança. Em concordância, os objetivos específicos, foram os de, refletir sobre a contribuição da literatura infantil na formação dos alunos da educação infantil, discutir sobre a questão da importância do trabalho com a leitura como motivador no trabalho com a literatura, apontar a importância do papel do professor ao contar histórias para as crianças e, ainda, identificar os gêneros textuais mais propícios para a contação de histórias na educação infantil.

O presente trabalho se justificou pela necessidade de compreender como se desenvolve a leitura e a questão da escrita, e pela importância de se discutir como a contação de história pode contribuir para o processo cognitivo da criança na educação infantil, no sentido de desenvolver a criticidade, o raciocínio, a criatividade e a imaginação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esse trabalho foi realizado para atender as condições do trabalho de conclusão de curso Métodos e Técnicas de Ensino, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Segundo GIL (2002, p. 87) a pesquisa bibliográfica tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que propostos, e quanto à pesquisa bibliográfica, Fonseca (2002, p. 32) diz que “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.”

A presente pesquisa se caracterizou como, bibliográfica descritiva de caráter qualitativo. De acordo com Markoni e Lakatos (2001) a pesquisa descritiva é aquela que visa apenas a observar, registrar e descrever as características de um determinado fenômeno ocorrido em uma amostra ou população, sem, no entanto, analisar o mérito de seu conteúdo. Corroborando, de acordo com Santos (2004) “As pesquisas descritivas são constituídas por levantamentos de características conhecidas que compõe um fenômeno.”

Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2003, p. 16-18) destaca que “é o caminho do pensamento a ser seguido e ocupa um lugar central na teoria tratando-se basicamente do conjunto de técnicas para construir uma realidade.”

Godoy (1995, p.58) explicita algumas características principais da pesquisa qualitativa:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

Diante do objetivo exposto para a pesquisa, objetivou-se reunir todas as informações e dados para realização da pesquisa, por meio de livros e buscas eletrônicas pela Scientific Electronic Library Online – Scielo. As palavras chaves utilizadas foram: contação de história, literatura infantil, educação infantil.

3.1 O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

O professor precisa estar ciente de que não basta alfabetizar a criança, é preciso transformá-la num bom leitor, ou seja, num leitor qualitativo e quantitativamente competente.

A literatura infantil tem uma importância que vai muito além do prazer proporcionado por ouvir ou ler histórias, ela serve para a efetiva iniciação das crianças na complexidade das linguagens, ideias, valores e sentimentos que governam a vida concreta. É fundamental que as crianças mesmo sendo pequenas, tenham acesso ao maior número possível de livros. O professor deve organizar um recanto em sua sala de aula, onde os livros fiquem a disposição das crianças para que elas possam manuseá-los a vontade, sempre que desejarem.

As histórias infantis têm o poder de auxiliar as crianças em seus temores, traumas, lesões, desafios e dificuldades. Isso é tão importante para que as crianças tenham contato com o mundo imaginário das histórias.

A literatura infantil surgiu no século XVII com Fenélon (1651-1715), “justamente com a função de educar moralmente as crianças. As histórias tinham uma estrutura maniqueísta, a fim de demarcar claramente o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado”. Desse modo, por meio das contações de histórias eram contadas experiências das vidas das pessoas, e ou também invenções.

As primeiras obras publicadas visando o público infantil apareceram no mercado na primeira metade do século XVIII. Anterior a isto, ocorre apenas durante o classicismo francês, no século XVII, onde foram escritas histórias motivadas como literatura, mas também as tornando apropriadas à infância como as Fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, As Aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas em 1717, e os Contos da Mãe Gansa.

A industrialização consistiu no fenômeno mais geral que assinalou o século XVIII. Foi qualificada de revolucionária e classificou o período, porque incidiu em atividades renovadoras dentro dos diferentes setores do quadro econômico, social, político e ideológico da época (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 16).

A Literatura Infantil tem seu início através de Charles Perrault, clássico dos contos de fadas, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época que tais histórias, por sua natureza e estrutura, viessem constituir um novo estilo dentro da Literatura, e elegê-lo o criador da Literatura da Criança (CARVALHO, 1985, p. 77).

A literatura infantil surge então, da necessidade de um instrumento que ajudasse na formação da criança. Junto a essa preocupação, surgem outras como, por exemplo, um meio de controlar o desenvolvimento intelectual do infante e de manipular suas emoções e seus sentimentos. (SPINDOLA, 2009, p. 18).

Segundo Spindola, (2009, p. 12):

Com o surgimento dos estudos em psicologia infantil e pedagogia, nos séculos XVIII e XIX, a criança era colocada em internato para receber uma formação mais rígida, o que pressupunha apressar o amadurecimento da infância. A literatura infantil só aflorou seu lado lúdico e prazeroso a partir dos estudos em psicologia e psicanálise.

A literatura infantil no país, chegou ao País somente no final do século XIX, pelo aceleramento da urbanização que ocorre entre o fim do século XIX e o começo do século XX.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2004, p. 28) “depois desse momento, passa a existir um grande contingente de consumidores de bens culturais e o conhecimento passa a ser importante para o novo modelo social”.

Abramovich (1997, p. 16) ressalta “[...] Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

Já Coelho (2002, p. 23) enfatiza que a literatura infantil é: “[...] antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”.

A literatura infantil é uma arte, onde cada ouvinte ou leitor desenvolve de sua própria forma, com seus detalhes e contornos, através desta arte, sonhos e realidades se misturam e, a escola deve ser o ambiente onde deve acontecer o desenvolvimento e a formação da criança. Nesse sentido, é necessário envolver atividades com a literatura por meio de oficinas e outras atividades. Spindola corrobora, dizendo que:

A literatura é fundamental para o desenvolvimento do infante e do jovem. Vale lembrar que ela abre os horizontes, amplia o conhecimento, enriquece o vocabulário, disciplina, a mente, cria hábito e possibilita conhecer historicamente a humanidade (SPINDOLA, 2009, p. 15).

Quanto antes o mundo da leitura e da escrita forem apresentadas às crianças da educação infantil, maior a probabilidade de elas potencializarem e desenvolverem o gosto pela leitura.

Gregorin (2009, p. 56), expressa a literatura como:

A expressão máxima da arte e da alma de um povo. Ainda destaca que o professor ao trabalhar com a literatura infantil em sala de aula, deve criar condições para formar leitores de arte, de mundo e plurais, pois oferecer e discutir literatura, é muito mais do que uma simples atividade inserida como pode-se asseverar conteúdos curriculares, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) destacam que, para a Educação Infantil:

O desenvolvimento saudável das crianças implica atender suas necessidades básicas de afeto, alimento, segurança e integridade corporal e psíquica durante o período em que elas passam na escola (BRASIL, 1998, p. 50).

A literatura infantil é uma forma de cultura que amplia os seus conhecimentos e os conhecimentos da criança. De acordo com Spindola (2009, p 54) é: “importante conhecer os gêneros literários, é fundamental no sentido de lhe ajudar a facilitar sua prática, como interlocutor e mediador no decorrer do processo de aquisição da linguagem oral e escrita das crianças”.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer forma de viver, pensar e agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não são (BRASIL, 1998, p. 143).

Segundo Cadematori (1987), a literatura infantil é dividida em dois momentos: a lendaria e a escrita. A lendaria surge com um exercício de comunicação e transmissão de conhecimentos entre os sujeitos. Já a literatura escrita, nasce no século XVII com a reorganização do ensino. A arte de contar histórias, e/ou contação de histórias, dá-se porque nos motiva a entender ser esse um exercício de

aprendizagem, um momento ímpar no processo educativo, principalmente pela troca relacional que estabelecem: educando, educador, professor e aluno. Na verdade, constituiu-se numa prática humana de se registrar e relatar as vivências que até então era apenas oral.

Ao manusearem os livros, as crianças passam a diferenciar o que está escrito e o que está ilustrado e, entendeu que as letras “contam” a história, motivando a conhecê-la.

Assim, “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)” (ABRAMOVICH, 1997, p. 23).

O ato de ler, contar e ouvir história envolve e aproxima “[...] ela nos ajuda a nos reconhecer, imaginar, interagir com os outros, observar, confrontar o ouvido e o visto com o vivido, compreender a realidade e representá-la, associar a realidade e a representação” (RIZZOLI, 2009, p.18).

É o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio (COSSON, 2010, p. 12).

Dentre várias outras atividades a serem realizadas na educação infantil, pode-se destacar:

Escrita espontânea, observação da escrita do adulto, familiarização com as letras do alfabeto, contato visual frequente com a escrita de palavras conhecidas, sempre em um ambiente no qual estejam rodeadas de escrita com diferentes funções: calendário, lista de chamada, rotina do dia, rótulos de caixas de material didático, etc. (SOARES, 2001, p. 1).

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) aponta alguns itens que podem auxiliar nas práticas de leitura, como:

- Dispor de um acervo em sala com livros e outros materiais, como histórias em quadrinhos, revistas, enciclopédias, jornais etc., classificados e organizados com a ajuda das crianças;
- Organizar momentos de leitura livre nos quais o professor também leia para si. Para as crianças é fundamental ter o professor como um bom modelo. O professor que lê histórias, que tem boa e prazerosa relação com a leitura e gosta verdadeiramente de ler, tem um papel fundamental: o de modelo para crianças;

- Possibilitar às crianças a escolha de sua leitura e o contato com os livros, de forma que possam manuseá-las, por exemplo, nos momentos de atividades diversificadas;
- Possibilitar regularmente às crianças o empréstimo de livros para levarem para casa. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura em casa, junto com os familiares (BRASIL, 1998, p. 144).

De acordo com Falabelo (2014), a leitura e a escrita vão além de mero conhecimento formal, sua aquisição possibilita a compreensão acerca dos fatos, das pessoas, do mundo, mas esse aprender precisa ser usado, praticado para poder ganhar sentido, valor, significado.

Sabe-se que a escola tem um papel fundamental na valorização da literatura, isto porque atribui valores positivos à inteligência e ao saber. De qualquer forma ela proporciona tornar o exercício da leitura formal ao profissional e ao cidadão.

Vale lembrar que a literatura brasileira é marcada pela apropriação de um projeto educativo ideológico, que provinha da Europa. Desse modo, Lajolo e Zilberman (1999) afirmam que:

Via de regra, a imagem da criança presente em texto desta época é estereotipada quer como virtuosa de comportamento exemplar quer como negligente e cruel. Além de estereotipada, essa imagem é anacrônica em relação ao que a psicologia da época afirmava a respeito da criança. Além disso, é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagoniza em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo livro, ouvindo histórias edificantes, lendo conversas educativas com os pais e professores (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 98).

A literatura é um fator efetivo de desenvolvimento da criança, desde que, para tanto, concorra à realização de um trabalho sério e contínuo por parte do professor.

A escola, que é o lugar onde se formam os leitores e quanto a isso Paiva e Rodrigues (2009, p.103) asseveram:

São múltiplos os fatores que contribuem para que a Literatura Infantil se faça cada vez mais presente em nossas escolas: o crescente desenvolvimento editorial da produção voltada para esse segmento; a qualidade das obras produzidas por escritores e escritoras brasileiros (reconhecida mundialmente); as políticas públicas preocupadas com a formação do leitor; a divulgação de títulos e autores brasileiros por organismos públicos e privados; o empenho de inúmeros educadores em levar a leitura literária para as suas práticas docentes e principalmente o fato de a instituição escolar cumprir a função de democratizar o livro, num país de poucas bibliotecas e de praticamente inexistente compra de livros em livrarias por esse segmento da população que frequenta a escola pública.

Assim, diante desses fatores a formação de crianças apreciadores da boa leitura só depende de quem orienta, de quem lê, de quem ensina a ler e de quem faz as escolhas do que deve ser lido. A leitura é o caminho para o processo de construção do conhecimento.

3.2 COMPETÊNCIAS DE LEITURA

Sabe-se que por sua vivência social, a criança já traz contatos com textos escritos e imagens etc. Segundo Poslaniec e Houyel (2000), a criança já sabe que num texto escrito, há um sentido global a descobrir; que ler não é uma simples operação de decifração.

Ele (a criança) já sabe que ler é compreender. Por isso que muitas vezes há o desinteresse da leitura pelas crianças por causas das cartilhas tradicionais, criticadas hoje em dia.

A leitura para as crianças que estão passando pelas primeiras fases do ensino possui um poder extraordinário na futura vida acadêmica, pois dessa forma revela-se que é natural ter pensamentos destrutivos e negativos, não só sendo basicamente construtivo e positivo.

De acordo com Máximo-Esteves (1998, p.125):

O prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias são um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender. Ora as histórias são o modo mais corrente de integrar a cognição e a imaginação, a Educação Ambiental e a fantasia.

Por experiência própria, a criança desde muito cedo já traz consigo textos e imagens, com logotipos e marcas, frases e palavras vistas em cartazes de rua, placas e etc. Desse modo, ela tem uma noção mesmo que inconsciente sobre para que a leitura o pode servir. Desse modo, isso pode contribuir para que crie em si mesma um desejo em aprender a ler. No entanto, Zilberman (2004, p. 5) ressalva que:

A leitura não constitui tão-somente uma ideia, com a força de um ideal. Ela contém também uma configuração mais concreta, assumindo contornos de imagem, formada por modos de representação característicos, expressões próprias e atitudes peculiares. A ela pertencem gestos, como o de segurar o livro, sentar-se e escrever, inclinar-se, colocar os olhos.

A capacidade abstrata de associar também é de suma importância; visto que associa uma palavra a seu referente, associa um gesto a um estado de espírito, associa uma expressão a uma emoção. Trabalhando desse modo entre imagens e palavras aos poucos a criança vai ampliando o domínio da língua.

Também é interessante os pais em casa, incentivarem seus filhos a ler, fazer perguntas para eles, instiga-los a ter essa vontade de aprender a ler, pois também a criança se tornará independente de outros pois ela conseguirá ler sozinha e além disso aprenderá a interpretar de acordo com o escrito acima.

Para Vygotsky (1998),

“a leitura e a escrita não são elementos inatos à criança. Sua aquisição depende das práticas sociais e culturais nas quais ela está inserida. A compreensão da leitura e da escrita não se dá de forma isolada, não é algo trazido em seus aspectos biológicos, mas construído em suas relações sociais, em sua relação com o(s) outro/ outros e com os conhecimentos. É, pois, na troca de experiências que se possibilita a aprendizagem e a aquisição da escrita, o acesso ao mundo simbólico”

O ensino, ainda para Vygotsky (1998), tem de ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças. Se for utilizado apenas para escrever discursos oficiais para integrantes da Gestão de uma Instituição de Ensino ou para qualquer pessoa que o professor julgar interessante, então o exercício da escrita passará a ser puramente mecânico, e logo desmotiva e irá entediar as crianças.

Lajolo (2004) faz uma abordagem da leitura de uma forma em que se compreende que “[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor.” Em nossa cultura, quanto mais conhecimento a pessoa possui, e mais informações, maior será a frequência de leitura dela. Vale lembrar, que se começa na escola a ler, a aprender, mas não deve parar e se encerrar nela esse conhecimento.

A autora supra citada apresenta uma ideia do complicado mundo da decodificação da escrita e das imagens.

Para poder aprender a ler, é preciso estar envolvido pelos escritos os mais variados, encontrá-los, ser testemunha de e associar-se à utilização que os outros fazem deles quer se trate dos textos da escola, do ambiente, da imprensa, dos documentários, das obras de ficção. Ou seja, é impossível tornar-se leitor sem essa contínua inteiração com um lugar onde as razões para ler são intensamente vividas, mas é possível ser alfabetizado sem isso (FOUCAMBERT, 2004, p. 31).

Cabe a escola estabelecer essas competências antes da alfabetização criando alguns aspectos literários que já estão presentes em narrativas de livros infantis e dos quais o mais natural é a vivência de uma história.

De acordo com Poslaniec (2005, p. 21) ele chama de “Pequenos saberes” tudo o que a criança possui de experiência no seu dia-a-dia e assim é necessário o professor ajudar a organizar todas essas competências.”

3.3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Carletti (2007) define a leitura como: “o meio mais importante para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico para atuar na sociedade”. O ato de ler é uma forma exemplar de aprendizagem:

Durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial (CARLETI, 2007, p. 2).

A leitura é primordial para o desenvolvimento do aluno em seus aspectos social, pessoal, emocional e escolar.

De Carvalho (2006, p. 21) considera que se trata de:

Uma atividade que se realiza individualmente, mas que se insere num contexto social, envolvendo disposições atitudinais e capacidades que vão desde a decodificação do sistema de escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido. Abrange, pois, desde as capacidades desenvolvidas no processo de alfabetização “stricto sensu” até capacidades que habilitam à participação ativa nas práticas sociais letradas que contribuem para o seu letramento.

Cavalli (2005) aponta para o fato de que o leitor é definido como um sujeito com suas especificidades e sua história, reflexo de um momento histórico, de uma experiência de vida, como alguém que no ato da leitura interage com o próprio texto, isto é, reflete e confronta sua realidade, pontos de vista a partir das pegadas deixadas pelo autor.

Várias são as alternativas oferecidas para o trabalho do professor, desde a escolha dos livros até as estratégias utilizadas para o trabalho com eles. Todas

essas estratégias devem buscar novas formas de abordar o texto, começando por não deixar que a opinião do professor prevaleça na escolha dos livros a serem lidos.

Como sabemos os professores educadores infantis sempre tiveram a necessidade de estarem se atualizando tanto na parte educacional quanto na prática. E nisso foi destacado alguns pontos que fundamentais para o professor/educador se tornar um excelente profissional na área em que trabalha.

Assim, pode-se abordar três momentos relativos aos procedimentos metodológicos para a compreensão textual, em situação escolar, sendo: o momento do antes, do durante e do após a leitura do texto conforme o quadro demonstra abaixo.

Tabela 1 – Procedimentos metodológicos para o trabalho com a leitura

O PROCESSO GERAL DE UMA AULA DE LEITURA	
Antes da leitura: Preparação para o encontro com o texto.	Ativar o conhecimento prévio dos alunos, via aplicação de estratégias de pré-leitura (tema, especificidades do gênero, da tipologia textual).
Durante a leitura: Encontro com o texto.	Promover a compreensão textual: momento de confronto, de discussões, em que o professor assume uma postura de instigador. Muito interessante é a aplicação de estratégias de compreensão que permitem o professor e aluno formular previsões sobre o texto a ser lido (leitura lacunar), esclarecer possíveis dúvidas sobre o texto que está sendo lido (inferenciação). Além disso, elaborar exercícios de caracterização de gêneros discursivos, abordando não só as características linguístico-textuais, mas também as discursivas, via análise das condições de produção (refletir sobre quem disse, quando, por que, para quem e como disse).
Após a leitura: Extrapolamento do texto	Promover a reflexão sobre o processo: professor e alunos assumem uma postura de reflexão. Muito produtivo é a aplicação de estratégias após-leitura, como atividades de levantamento de ideia principal (qual é a ideia mais importante que o autor pretende explicar com relação ao tema?), do tema (do que trata o texto?) e elaboração de resumos, diagramas, mapas semânticos. Além disso, desenvolver o pensamento crítico do aluno, via análises contrastivas, comparativas, contextualizadas, sensibilizando o aluno para os efeitos de sentido provocados ao se usar tal materialidade linguística (por que este texto foi escrito dessa forma? E se tivesse que ser produzido em situações diferentes? Em outro gênero?).

Fonte: Menegassi, 2005.

Cabe, portanto, à escola e ao professor despertar o gosto do aluno pela leitura contribuindo para a preparação de alunos capazes de participar como sujeitos do processo de desenvolvimento da aprendizagem e, mediado pelo professor, o trabalho com a leitura precisa investir no levantamento de questões que façam com que o leitor interaja com o texto, num vínculo de comunicação de ideias, pensamentos e desejos que leva a reflexão e a liberdade intelectual. Esse processo precisa estar sempre atrelado a realidade do escritor e do leitor, como aponta Cavalli (2005, p. 52).

Não se pode confundir a leitura com a reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes e estímulos pré-elaborados, visto que estas atitudes com reação a leitura levaria a morte do leitor e o transformaria num “consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes.

Perrotti (1993) considera: “que promover a leitura isoladamente não basta mais, visto que se deve pensá-la dentro do processo de produção cultural da sociedade e da escola”. É por esse motivo que os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), orientam para a compreensão da leitura como uma prática social complexa, e isso requer sua inserção, na sala de aula, em uma situação de leitura “para valer”, como defendem Jolibert (et al. 1994).

Para tanto, estes autores supracitados, defendem a necessidade de se lerem textos reais, funcionais, já que o objetivo das aulas de leitura é a criação de situações de leitura “para valer”, uma vez que “não se lê para aprender a ler” (exceto nas atividades de sistematização), lê-se sempre por um interesse imediato. A vida cooperativa na sala de aula e a prioridade conferida à elaboração conjunta de projetos de leitura são o que garantem o seu aprendizado:

Fazer viver uma aula cooperativa é efetuar uma escolha de educador. Significa acabar com o monopólio do adulto que decide, recorta, define ele mesmo as tarefas e torna asséptico o meio. É fazer a escolha de um processo que leva a turma a se organizar, gerir seu espaço, seu tempo e seu orçamento (JOLIBERT et al., 1994, p. 20).

Nessa perspectiva, a prática da leitura constitui-se também objeto de aprendizagem, uma vez que não se vai mais ao texto de forma gratuita, mecânica. Estabelece-se uma atitude produtiva em sua relação, respondendo objetivos de realização imediata e provocando necessidades reais nos alunos. A leitura é uma forte aliada para o desenvolvimento do aluno, pois, ela fornece subsídios para que possamos formar nossas opiniões, imaginar e desenvolver a criatividade.

Nesse sentido, Moraes (1997, p. 12-13) considera:

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos, também, pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar, lemos para sonhar e para aprender a sonhar.

Barbosa (1994, p. 132) diz que a leitura é uma atividade onde os leitores “predizem e antecipam significados, formulando hipóteses e confirmando-as ou reelaborando-as à medida que leem, como estratégias leitoras de adivinhação e antecipação do conteúdo do texto”.

Antão (1997, p. 6) salienta que “não basta aprender a ler e a escrever. É preciso ler para compreender, ler para interpretar, ler para saber, para ver, para ser, ler para participar. Ler é fundamental. Que se leia para ser mais consciente e mais livre.”

Uma educação voltada para os aprendizes deve levar em conta o desejo e a curiosidade destes em relação às coisas novas ou ao que se quer aprender e procurar desenvolver cada vez mais o espírito crítico e a consciência autônoma, sendo necessário que os professores, diretores, coordenadores, estudantes, pais e todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, compreendam o que são as dificuldades de aprendizagem e como podem, juntos, superá-las.

A educação, ou o processo educativo, é um processo social que se desenvolve como um sistema, pelo qual se busca o ato de provocar ou produzir mudanças comportamentais naqueles indivíduos que se encontram em atividades educativas.

De acordo com Porto (2007, p.46):

O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o universo onde as crianças atuam, buscam e se interessam. A postura do professor se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças de sentir o mundo. Portanto, sua atuação deve ser para encorajar a criança a descobrir e inventar sem ensinar ou dar conceitos prontos.

Segundo Vigotsky (2000), apropriar-se da leitura e da escrita é uma atividade complexa, instrumental, constituída nas interações sociais em que o professor e aluno, em sua prática mediada pelos signos, trocam experiências sobre os registros. A apropriação desse instrumento permite à criança refletir sobre seu

discurso, organizando-o de forma a tornar claro seu pensamento para que outro sujeito possa apropriar-se de sua experiência social.

Assim, antes do professor começar a ler um texto/história em sala, deve-se buscar a ler primeiro essas obras como um leitor comum, deixando-se levar pelo texto sem pensar ainda na utilização em sala de aula. Após isso, ele deverá realizar a leitura crítica, reflexiva e avaliativa desse texto. A leitura é uma forte aliada para o desenvolvimento do aluno, pois, ela fornece subsídios para que possamos formar nossas opiniões, imaginar e desenvolver a criatividade.

Com isso o especialista francês Poslaniec (2005, p.14) acrescenta e diz, “um livro não se resume ao seu estilo, ele propõe uma noção de “riqueza” na hora de selecionar os melhores livros a serem levados à sala de aula: são aqueles que “utilizam de maneira criativa várias instâncias, oferecendo ao leitor várias ocasiões de penetrar na estrutura profunda da obra.

Para acrescentarmos mais conhecimentos nesse trabalho vamos falar de alguns níveis de classificação de leitura para Poslaniec e Houyel (2000) existem três níveis: a leitura comprometida, a leitura aprofundada pela experiência pessoal e a leitura literária.

A leitura comprometida se assemelha à leitura emotiva, quando a criança deixa sua imaginação funcionar sem regras. Já a leitura comprometida se traduz por uma identificação com as personagens, uma espécie de diálogo entre o livro e o leitor. E a leitura aprofundada é feita por um leitor mais maduro, que após ler, pode discernir no texto suas conotações, a ideologia, e sua situação num contexto histórico. Os autores acima, afirmam que desde o início da escola fundamental esses modos de leitura possam ser colocados em prática pelo professor, e não precisam ser nesta ordem, mas sim de acordo com as necessidades do dia-a-dia.

O estímulo à leitura é de suma importância desde a mais tenra idade, não podendo confundir com mecanização da leitura. A aprendizagem, como destaca Lerner (2002) começa a partir do momento em que o indivíduo passa a ter contato com o objeto, em questão. A instrumentalização das atividades de ensino, quanto à leitura é o livro. O objetivo é que a criança esteja em contato com todo tipo de obra da literatura e façam, quando passarem a tomar ciência do conteúdo, as suas próprias opções de gênero literário.

Durante as aulas o docente pode fazer com que as crianças tenham os momentos de leitura visto que ele é o principal responsável com a leitura diariamente

e na busca da influência dos alunos com o mundo da leitura. É fundamental que desde cedo à criança venha a obter hábitos de leitura e levar para toda a sua vida, o melhor momento para isso acontecer é na infância, durante a pré-escola.

Silva (2014, p. 83) diz:

Quando entra na escola, o educando aprende a ler e ao professor fica a incumbência de apresentá-lo à leitura e ao gosto de ler. Por isso o exemplo do professor é importante na educação infantil como estímulo ao ato ler, para que a criança leve o hábito de leitura até sua fase adulta.

Nesse sentido, a preocupação com a prática de leitura e escrita, nas escolas é tão importante para a formação social do indivíduo, quanto a preocupação que se tem com as demais práticas do conhecimento.

3.4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA IMPORTÂNCIA

A infância é, sem dúvida, um período da vida pleno de surpresas e contradições de constantes experiências e aprendizados e das primeiras descobertas. Um período de beleza, de graça e de novidade que se expressa nesta fase da vida humana. É uma construção histórica, social e cultural determinada pela organização da sociedade nas diferentes épocas (OLIVEIRA, 2012).

A criança, desde muito pequena, ouve histórias contadas pelos mais velhos e, a partir delas, vai internalizando a estrutura da narrativa, passando a usá-la de forma oral em suas próprias histórias.

Contar histórias na educação infantil garante o desenvolvimento integral da criança, já que a maioria das crianças, atualmente, é só na escola que possuem esse contato com as histórias de forma lúdica, proporcionando o desenvolvimento do gosto pela leitura, criando e recriando novos textos. A literatura infantil deve estar inserida no contexto escolar de forma educativa, proporcionando as crianças momentos de reflexão, interação e aprendizagem.

A contação de histórias tem como principal objetivo divertir e entreter, porém, Abramovich (1997) vai além ao enfatizar que a contação de histórias influencia também na formação da criança, sendo o início da formação de um leitor e um caminho de descoberta e compreensão do mundo.

Coelho (2011) diz que, a atividade de “contar histórias” é uma das mais antigas, desde o surgimento do homem a milhões de anos e essa prática antecede ao desenvolvimento da escrita, e, no decorrer dos anos a contação de história foi aplicada para muitos fins religiosos, pois viram que era uma maneira de propagar as religiões, como também entreter a realeza de algumas regiões como os menestréis que tinham lugares de destaques nos reinos visitados.

Desde aqueles tempos remotos e ainda hoje, a necessidade de exprimir os sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, transmitir valores de avós para netos têm sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p. 4).

De acordo com Busatto (2006, p. 9-10), contar histórias é uma arte rara, cuja matéria-prima é o imaterial, e que nos liga ao indizível, trazendo respostas às nossas inquietações, expressando e corporificando o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser.

Contar história, no espaço educativo ganhou ênfase por causa de sua ludicidade, passando a ser considerado um recurso muito rico nas escolas, pois:

As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhar, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2006, p. 21).

Coelho (2011, p. 21) destaca que é comum nas salas de educação infantil, observar-se atividades de conversa, hora da novidade, contação de histórias, entre outras atividades que buscam o desenvolvimento oral da criança e ainda podem aprender a interagir com a leitura e a escrita, já que lhes é possibilitado a vivência de práticas de leitura, onde as mesmas ampliam suas experiências de letramento e

seus repertórios textuais, desenvolvem estratégias variadas de compreensão textual, inserindo-se como leitoras, mesmo que ainda não saibam ler autonomamente. Em relação a essa questão Coelho afirma ainda que:

Na educação infantil, não basta estimular a criança a refletir sobre o funcionamento do sistema de escrita, nem apenas inseri-las em práticas sociais de leitura e escrita ou nos limitarmos a responder a sua curiosidade natural sobre o tema, mas sim como papel da professora, planejar atividades que contribuam para a alfabetização na perspectiva de uma aprendizagem significativa (COELHO, 2011, p. 24).

Um bom livro de história infantil pode render uma gama de atividades e no decorrer do ano letivo, muitas histórias da literatura infantil podem ser contadas, recontadas, criadas, encenadas, desenhadas e musicadas.

A linguagem escrita, mesmo sendo simples e acessível, requer a adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica e comunicativa. Lembrando que, temos que levar em conta, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária e suas condições sócio econômicas.

Com o crescimento e desenvolvimento da sociedade, o surgimento da escrita deu-se origem aos contos onde os contadores de histórias também tiveram que modificar sua postura para que se conservassem no cargo de importantes contadores de histórias, pois tinham a oportunidade de mexer com o imaginário das pessoas.

O trabalho com os diversos gêneros textuais são capazes de encantar as crianças levá-los ao mundo da imaginação despertar a criatividade e sobre tudo a paixão pela leitura. Desse modo não há dúvidas dos laços entre a literatura e a escola.

As fábulas são um gênero narrativo muito antigo, que sempre manteve sua importância através dos tempos e teria a função de formar o “juízo e os costumes”, tornando a criança “capaz de grandes coisas”, possuindo um ensinamento moral. Podemos citar como grandes fabulistas La Fontaine, Esopo e ainda Monteiro Lobato, o grande inovador na literatura brasileira.

A palavra “fábula” vem do latim e significa falar. Narrativa curta, em versos ou em prosa, a fábula traz como marca importante, a presença da moralidade, que poderá vir no início ou no final da narrativa (embora, às vezes, apareça tanto no início como no final).

A fábula é uma narração alegórica, cujos personagens são, geralmente, animais, e que encerra em uma lição de caráter mitológico, ficção, mentira, enredo de poemas, romance ou drama. Contém afirmações de fatos imaginários sem intenção deliberada de enganar, mas sim de promover uma crença na realidade dos acontecimentos. A fábula seria, portanto, uma narração em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada (LIMA; ROSA, 2012).

As fábulas teriam, assim, a função de formar “o juízo e os costumes”, tornando a criança “capaz de grandes coisas”. Além do ensinamento moral, estariam expondo o próprio homem, pois, segundo La Fontaine (1989):

Somos a síntese do que há de bom e de mal nas criaturas irracionais. As fábulas, portanto, são um quadro onde cada um de nós se acha descrito. O que elas nos apresentam confirma os conhecimentos hauridos em virtude da experiência pelas pessoas idosas e ensina às crianças o que convém que elas saibam. E como estas são recém-chegadas neste mundo, não conhecem ainda os outros habitantes, nem se conhecem a si próprias. Não devemos deixá-las nessa ignorância senão durante o menor tempo possível. Elas têm de saber o que é um leão, o que é uma raposa, e assim por diante, porquanto às vezes se compara o homem a um desses animais. Para isto servem as fábulas, pois é delas que provêm as primeiras noções desses fatos (LA FONTAINE, 1989, v. 1, p. 39).

Os contos de fadas revelam um mundo maravilhoso em que seres prodigiosos como fadas, duendes e bruxas compartilham do cotidiano das pessoas, sejam elas pertencentes á realeza, sejam elas simplesmente integrantes do povo. Podemos citar alguns escritores como: Perrault, Irmãos Grimm e Andersen.

Segundo Bettelheim (2002, p. 197) “o conto de fadas é a cartilha com a qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual”.

De acordo com MAGALHÃES (1982, p. 140), da adaptação dos contos folclóricos recolhidos junto à classe social mais oprimida na Europa Feudal como camponeses, tecelões e mendigos, os contos de fadas revelam um mundo maravilhoso em que seres prodigiosos como fadas, duendes e bruxas compartilham do cotidiano das pessoas, sejam elas pertencentes à realeza, ou simplesmente integrantes do povo.

Quem conta deve estar disposto a criar uma cumplicidade entre a história e o ouvinte, oferecendo espaços para a criança se envolver e não pode nunca ser um repetidor mecânico do texto que ele escolheu contar. Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1989, p.18).

A contação de histórias na educação infantil é sempre um momento significativo de aprendizagem para as crianças. Através da expressão corporal, da interpretação e da técnica vocal, a forma de contar a história torna-se envolvente, cativante e emocionante para as crianças, incentivando-as à leitura e estimulando a imaginação.

As crianças participam do enredo da história a ponto de imaginarem-se as próprias personagens, O exercício de envolver os alunos na história e proporcionar atividades de desenho, teatro e músicas sobre o livro complementam a contação.

Para Tahan (1996, p.38), “o ato de contar histórias, é empregada como veículo de verdades eternas”, visto que essa afirmação sobre a contação resiste ao tempo e vincula toda herança cultural de um povo, pois dentro da educação infantil, temos a oportunidades de passar para as crianças os ensinamentos que foram no passados com os nossos descendentes.

Segundo Bettelheim (2002),

”a contação de história oral é uma passagem para o desenvolvimento amadurecimento e sedimentação da individualidade, da autovalorização e da importância de um futuro feliz, gerando a renúncia das conexões infantis e deixando abertura para o diálogo com a obrigação moral e a convivência social, ajustada na consideração ao outro”

No momento em que se está contando uma história para uma criança, oferecemos situações de construção do conhecimento e aprendizagem, ela começa ver um mundo de fantasias, de superações (ZILBERMAN, 2004, p. 87).

Para que uma história prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 2002, p. 13).

A história na educação infantil oferece estruturas para enfrentar os problemas de modo saudável e criativo, levando a criança ao mundo magnífico onde os métodos vivenciados pelos personagens e suas aventuras são cheias de significados.

A contação de histórias infantis proporciona na criança uma alegria inexplicável, um prazer que exala por suas atitudes diárias. A história traz ensinamentos positivos para e que nem sempre são percebidos no ato que a criança escuta a história.

Como é reforçado por Abramovich (1997, p. 24):

Ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução [...]. Com tantas e tantas divertimentos e emoções que uma história proporciona o importante é ser uma boa história.

Com o avanço das tecnologias os professores não podem deixar de se atualizarem, com cursos online e presenciais. Devem procurar estudar e se possível terem alguma formação básica na área da literatura, pois assim ficará muito mais fácil para escolher de forma precisa as leituras que seus alunos necessitam de ler.

3.5 O PAPEL DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM A LEITURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A formação de crianças e jovens apreciadores da boa leitura só depende de quem orienta, de quem lê, de quem ensina a ler e de quem faz as escolhas do que deve ser lido. A leitura é o caminho para o processo de construção do conhecimento.

Nesse sentido, no espaço escolar, o professor é o grande responsável pela aquisição do gosto pela leitura pelo aluno e também responsável pela na formação do educando como leitor, sendo de suma importância que os profissionais da educação infantil estejam sempre se atualizando, procurando novos métodos de ensinar, de conquistar as crianças para o mundo da leitura. Visto que, com o decorrer do tempo tudo vai mudando, se modificando e temos que estar preparados para isso.

A organização do trabalho do professor está ligada a sua concepção, ao sentido atribuído a escola e a sua função social, pois as crianças trazem de casa histórias tristes, dramáticas, e que, nem todas as crianças e adolescentes têm a oportunidade de conviver com livros de literatura, ou mesmo de adquiri-los e a escola deixa muitas vezes de aproveitar a experiência que a criança traz de casa, através de seus familiares quando contam histórias do passado, quando brincam de trava-línguas ou recitam parlendas (MACHADO, 2001).

Assim, é papel do professor criar, incentivar, inventar e planejar as atividades para seus alunos e, sobretudo problematizá-las, para que a criança vá construindo seu conhecimento e amplie para aprendizagens.

Portanto, não é atribuição do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente: se está a seu alcance a concretização, isto é, o domínio dos códigos que permitem a mecânica da leitura, é ainda tarefa sua o emergir do deciframento e compreensão do texto, através do estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional (ZILBERNAN, 2004, p. 25).

Quanto antes o mundo da leitura e da escrita forem apresentadas às crianças da educação infantil, maior a probabilidade de elas potencializarem e desenvolverem o gosto pela leitura.

A literatura é um fator efetivo de desenvolvimento da criança, desde que, para tanto, concorra à realização de um trabalho sério e contínuo por parte do professor. Em relação ao planejamento Fusari (apud Ostetto, 2000, p. 43) salientam que:

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atividade e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico.

Segundo Ribeiro (2008) disciplina e liberdade são sinônimos para o bom profissional e, se a educação precisa ser encarada com profissionalismo que é consequência de boa formação. Logo, contar histórias para a criança pequena é importante e leva a criança ao mundo da imaginação.

Simões, (2000, p. 83) em relação ao professor conclui:

Nos momentos de leitura, o educador deve sempre procurar ser literal e dar certo caráter interpretativo a sua leitura usando variações de entonação de forma clara e agradável. [...] O educador deve procurar agir como elemento incentivador do interesse das crianças pelo enredo, comportando-se não somente como leitor das histórias, mas também, demonstrando entusiasmo e curiosidade, como mais um ouvinte (SIMÕES, 2000, p. 26).

Assim, é papel do professor criar, incentivar, inventar e planejar as atividades para seus alunos e, sobretudo problematizá-las, para que a criança vá construindo seu conhecimento e amplie para aprendizagens.

Na literatura infantil, também se faz necessário realizar o estudo da história infantil porque saber o que transmitir para os ouvintes e conseguir transmitir para eles de uma forma mais prazerosa seria muito importante

Coelho (1997) assinala que, estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos essenciais, isto é, que constituem a sua estrutura.

A criança que sempre escuta histórias infantis tem mais probabilidade de sociabilização, e torna-se um jovem mais consciente, possui mais afetividade com os outros, visto que quando a senta em uma roda para escutar a história, comenta, interpreta, reconta, opina, aprende a esperar sua vez de participar, a dar vez ao colega que faz parte da roda de história. Aprende a ouvir, a falar e expressar-se melhor (ZILBERMAN, 2004).

Pode-se perceber que o desenvolvimento do psicológico das crianças que escutam histórias infantis é mais aguçado do que o de criança que não tem esse hábito diário.

Essa oportunidade para as crianças, de participar de momentos lúdicos, ao mesmo tempo em que gere aprendizagem, significa treiná-la para que possa ampliar as suas potencialidades da língua materna. Segundo Coelho, (2002 p. 12):

A história infantil mantém o mundo mágico que tem na criança há quem conte histórias para destacar mensagens, repassar conhecimento, fazer obedecer até fazer uma espécie de intimidação se não bagunçar, conto uma história. “se isso” “se aquilo” quando contrário que funciona.

Para aprender a ler é preciso que o aluno aprenda baseando-se no ambiente em que está inserido, nas suas experiências e na cultura que o cerca.

A “leitura do mundo” deve ser feita antes que o educando aprenda a “ler a palavra”, ou seja, antes que ele pegue um amplo vocabulário e conheça as normas gramaticais e consiga dominar a escrita e todos os demais aspectos da língua nativa. Sendo assim, seria impossível separar completamente a “leitura de mundo” da “leitura da palavra”.

Em suas próprias palavras, Freire relata:

Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever” o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 31).

Machado (2001, p. 113) enfatiza que para despertar a paixão “é necessário que haja professores que sejam realmente leitores e que falem apaixonadamente de suas leituras, pois assim revelará um segredo para as crianças: o amor pela leitura”.

É importante lembrar que a leitura nunca pode ser vista pela criança como algo desnecessário, sem importância, uma obrigação, uma tarefa técnica realizada sobre pressão, mas sim como algo necessário, que lhe permite abrir caminhos para se alcançar objetivos, atingir metas, de forma dinâmica, livre, feita de acordo com suas necessidades, expandindo a dimensão significativa daquilo que chega a ela, ampliando suas competências e habilidades cognitivas, afetivas etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil é importante para formação do ser humano e, nesse nível de ensino, é necessário valorizar as vivências e o mundo das crianças, por meio de atividades próprias da cultura infantil que possam garantir o interesse e a motivação pela leitura, para que não interfira de forma negativa no processo de ensino-aprendizagem.

Cabe aos educadores e à escola incentivar e oferecer livros para despertar nas crianças o hábito de ouvir história, pois, é ouvindo que a criança desenvolve sua curiosidade, facilitando a aprendizagem, afetividade e a criatividade, além de auxiliar para formação de futuros leitores e, quem sabe, futuros escritores.

É relevante ressaltar que a literatura infantil não promove só a educação, mas, vai de encontro à necessidade da criança, dependendo da história, fala do cotidiano, dos medos, das rejeições, mostrando que é possível viver bem, mesmo com tanta dificuldade, transmitindo a criança argumentos para serem usados diante de situações difíceis que venham surgir no decorrer da sua vida, além destas histórias trazerem momentos de prazer, promove o desenvolvimento linguístico e intelectual, portanto, a literatura infantil deve estar inserida no contexto escolar de forma educativa, proporcionando as crianças momentos de reflexão, interação, e aprendizagem.

Quando a criança ouve a leitura, ativa uma série de capacidades, como a memória (recorda-se de outros momentos, de histórias ouvidas ou lidas), a atenção (se a história ou o recurso utilizado para a contação da história a envolve completamente, ela para ouvir, assume uma atitude de ouvinte atento), a fantasia (imagina-se parte da história contada, visitando mundos e personagens, ativando suas emoções). Isto é, o livro traz todas as possibilidades de desenvolvimento da criança, onde a criança vivencia e ativa o uso dessas capacidades, capaz de perceber que a escuta é o ato de comunicação que reserva maravilhas, alegrias, medos, tristezas, surpresas, entusiasmos, paixões e fantasias.

O contexto escolar atualmente direciona estas crianças a refletirem sobre a contação de histórias, pois momentos de interação e aprendizagem irá contribuir para o processo cognitivo da criança, desenvolvendo a criticidade, o raciocínio e a imaginação.

Contar histórias, portanto, deve garantir o desenvolvimento integral de uma criança, já que estas atualmente só na escola é que tem este contato na forma lúdica. Isto irá proporcionar o desenvolvimento do gosto pela leitura.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.
- ANTÃO, J. **Elogio da leitura: tipos e técnicas de leitura**. Porto: ASA, 1997.
- BARBOSA, J.J. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BRASIL. Educação, Ministério e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- COELHO, B. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo, Editora Ática, 2002.
- COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura Infantil - juvenil**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- BUSATTO, C. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CADEMARTORI MAGALHÃES, L. **Literatura infantil brasileira em formação**. In: ZILBERMAN, R.; CADEMARTORI MAGALHÃES, L. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982.
- CARLETI, R. C. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada**. ES, 2007; Disponível em <http://www.univen.edu.br/revista>. Acesso em agosto de 2020.
- CARVALHO, B. V. de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 1985.
- CAVALLI, S. C. **A leitura como componente da vida social e instrumento de formação**. In: **As práticas pedagógicas de leitura na formação do professor**. 1ed. Curitiba: Série Dissertação, 2005.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, R. (Coord.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Cap. 5., p. 89-106. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).

DE CARVALHO, M. A. F. **Prática de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da educação, 2006.

FALABELO, R. N. O. Leitura e escrita: experiências teórico-metodológicas em sala de aula. **Revista Margens Interdisciplinar**, V. 8, N. 10, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2737/2862>. Acesso em agosto de 2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAMBERT, J. Trata-se, de fato, de distribuir melhor a leitura? **Leitura: teoria & prática**, Campinas, SP, n. 42, p. 5-8, 2004.

FREIRE, P. ; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa - tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: RAE, v. 35, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GREGORIN F. **Práticas leitoras (de cor...coração):** algumas vivências de um contador de histórias. In: YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidade**. São Paulo: Loyola, 2009.

JOLIBERT, J. et al. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LA FONTAINE, J. **Fábulas**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2004.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIMA, R. de M. R.; ROSA, L. R. L. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. **CIPPUS - Revista de Iniciação Científica do Unilasalle**, v. 1, n. 1, maio, 2012.

MACHADO, A. N. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MÁXIMO-ESTEVES, L. **Da Teoria a Prática: educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história**. Porto, Portugal: Porto Editora Ltd., 1998.

MENEGASSI, R. J. **Leitura e ensino**. Maringá: Eduem, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2003.

MORAES, J. **A arte de ler: psicologia cognitiva da leitura**. Lisboa: Cosmos, 1997.

OLIVEIRA, Z. R. **O Trabalho do Professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

OSTETTO, L. E. **Encontros e encantamentos na educação infantil**. São Paulo: Papyrus, 2000.

PAIVA, S.; RODRIGUES, T. M. de S. **A compreensão de textos narrativos em crianças de 05 a 06 anos**. Recife, 2009.

PERROTI, E. Uma experiência francesa de crítica e produção de livros. **Nova Escola**, São Paulo, n. 73, p. 38-40, 1993.

PORTO, O. **Bases da psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem**. Rio de Janeiro, 2007.

POSLANIEC, C. (Ed.). **Réception de la littérature de jeunesse par les jeunes**. Paris: INRP -Institut National de Recherche Pédagogique, 2005.

POSLANIEC, C.; HOUYEL, C. **Activités de lecture à partir de la littérature de jeunesse**. Paris: Hachette éducation, 2000.

RIBEIRO, J. Ouvidos dourados – a arte de ouvir as histórias (...para depois contá-las...). São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2008.

RIZZOLI, M. C. Literatura com letras e sem letras na educação infantil do norte da Itália. FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suelly Amaral (Orgs.) **Linguagens Infantis: outras formas de leitura**. 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SPINDOLA, A. M. A. **Estudos de literatura infanto-juvenil: ferramenta imprescindível na formação de professores**. Campo Grande, MS, 2009.

SILVA, E. T. da. **O Ato de Ler**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, M. da C. **A Literatura E O Incentivo à Leitura: Monteiro Lobato como ponto de partida.** 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/?hl=pt-BR>. Acesso em agosto de 2020.

SIMÕES, V. L. B. **Histórias infantis e aquisição da escrita.** São Paulo. 2000.

SOARES, M. **Português: uma proposta para o letramento.** São Paulo: Moderna, 2001.

TAHAN, M. **O Homem que Calculava.** Rio de Janeiro: 42ª edição, Record, 1996. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 6ª Edição. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 2000.

ZILBERMAN, R. A. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2004.